
Entrevista EUGÊNIO MUSSAK
Muito além da competência

Segundo educador, impera no país um modelo voltado para o treinamento, enquanto o mercado precisa de pessoas que dominem a prática

Priscila Mendes

Arquivo Pessoal/Divulgação



Esqueça a velha fórmula proferida em palestras pelo mundo afora de que ser competente é a base do sucesso profissional. A competência já foi equacionada e transformada em comportamento comum. Portanto, acrescente o prefixo meta – que em grego significa o que está além – à palavra, e pronto! Você está diante de um novo paradigma: o da metacompetência. Enquanto o competente faz o que se espera dele e realiza uma tarefa em si, o metacompetente faz mais, vai além. Potencializa as qualidades técnicas pelas qualidades humanas. É o que defende Eugênio Mussak, educador há mais de 35 anos. O colunista e fundador da empresa Sapiens Sapiens serve como exemplo. Ele poderia continuar na carreira de professor de biologia ou de médico, mas percebeu ter condições para ir além da capacidade de lidar com a falta de interesses dos alunos ou das expectativas imediatistas dos pacientes. Decidiu apostar as fichas na educação corporativa e tornou-se um conferencista de sucesso, graças à preocupação com os detalhes e por colocar a alma em seu trabalho. Características de um metacompetente, anotem aí. Na última semana, Eugênio Mussak esteve em Brasília para falar sobre o tema com professores da cidade e concedeu entrevista ao Correio. Confira trechos da conversa.

Nas palestras, você afirma que educar para a competência é diferente de educar pela competência. Qual seria a diferença entre os modelos?

A educação deixou de ser uma simples técnica de passar conhecimento. Os professores precisam educar pela competência, estimulando as competências dos alunos e passando valores para eles. É preciso ser competente para poder competir. Mas é preciso ir além e aprimorar as competências transversais, que são a relação entre o conhecimento técnico e habilidades e atitudes da pessoa na prática. É preciso saber, poder e querer fazer algo.

Hoje, muitos modelos ainda estão voltados para preparar os jovens a passar no vestibular. Esse método ajuda a desenvolver as competências?

O vestibular é um modelo importado dos Estados Unidos que estimula a ideia do vencedor e do perdedor. Os modelos escolares voltaram-se rapidamente para treinar jovens para passar por essa prova da melhor maneira possível. É um rito de passagem e a aprovação, ou não, vai determinar se você é um vencedor ou perdedor. Passar no vestibular passou a representar ascensão social, o que justifica a preocupação dos jovens, de seus pais, e de toda a sociedade. Mas vale lembrar que a competência para se sair bem no vestibular não é a mesma necessária para se sair bem na vida. No entanto, esse modelo baseado no treinamento tende a se modificar. O Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) já cobra menos os conhecimentos e mais habilidades e competências do jovem para viver no mundo contemporâneo. E essa é a tendência do novo vestibular.

De que maneira essa forma de educar pelo treinamento afeta o ambiente corporativo, quando o jovem ingressa no mercado de trabalho?

A confusão entre educar e treinar já afeta o ambiente corporativo. O treinamento tem objetivo de desenvolver uma habilidade específica, enquanto a educação tem a ver com ensinar pensamento crítico. Os jovens estão acostumados a repetir. Mas as empresas buscam pessoas com espírito de liderança, que desenvolvem pensamento crítico e aplicam conhecimentos na prática. Precisamos parar de departamentalizar. Na escola, por exemplo, temos professores de diversas disciplinas que não se falam e tampouco fazem referências uns aos outros. Eu mesmo, quando era professor de biologia, preparava macetes para os alunos, ou seja, ensinava uma técnica de passar em uma prova. Resultado disso é que os alunos só querem saber o que vai cair na prova e não o que e como vão usar o conhecimento na vida.

Como as escolas e universidades podem incluir o desenvolvimento de competências na metodologia de ensino?

Para muitos alunos, ir para o colégio é uma necessidade. Caso contrário, eles serão penalizados, principalmente, pelos pais. É preciso que o aluno tenha interesse pelo assunto. Para isso, ele deve perceber o significado que aquela informação tem para sua vida e aplicação prática. É preciso criar um elo afetivo, aprender a gostar. Professores que demonstram amar o que fazem e que amam suas respectivas disciplinas mantêm alunos cativados. Afinal, estudar e aprender também pode estar associado ao prazer. Finalmente começamos a voltar às origens do conhecimento. É como dizia Sócrates: educar é ensinar a pensar. Conhecimento é um meio e não um fim. O pensamento é um fim, e as atitudes, suas consequências.